

Oração semanal

(5ª-feira, Quaresma 3)

Serra do Pilar, 23 março 2017

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus (Mt 6,7-15)

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então, tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo:

Vós, quando orardes, não digais muitas palavras, como os pagãos, que pensam que serão atendidos por falarem muito. Não sejais como eles, porque o vosso Pai sabe bem do que precisais, antes que vós mesmos lho peçais. Orai antes assim:

“Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia; perdoa-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.

Salmo 32

Esta é a geração dos que procuram o Senhor!

Feliz aquele a quem é perdoada a culpa
e absolvido o seu pecado.

Feliz o homem cuja ofensa o Senhor esqueceu
e em cujo espírito não há engano!

Enquanto calei o meu pecado,
o meu coração esgotava-se em sofrimento,
a tua mão pesava sobre mim dia e noite
e eu secava como a erva no estio!

Confessei-te depois a minha falta
e não te escondi os meus erros;
eu disse: "Confessarei ao Senhor a minha falta",
e tu perdoaste a minha culpa!

Por isso, todo o crente que te invoca
na hora da angústia,
mesmo que as torrentes se desencadeiem,
elas não poderão submergi-lo!

Tu és, ó Senhor, o meu refúgio,
tu me livras da angústia;
tu fazes ouvir à minha volta
cânticos de libertação!

"Eu vou instruir-te", diz o Senhor,
"velando por ti, vou ser o teu conselheiro:
vou indicar-te o caminho,
a rota que precisas de seguir!"

Não sejas irracional como cavalo ou jumento
cujo ímpeto só com freio e cabresto;
são muitos os sofrimentos do ímpio,
mas, a quem confia no Senhor, ele o envolve!

Alegrai-vos, justos, no Senhor;
exultai, retos de coração.
Glória ao Pai, que respondeu ao nosso apelo,
por Jesus, com a força do Espírito!

Deus é Pai

A vida de Jesus brotava da experiência que tinha de Deus como Pai. Era assim que o vivia nas noites de oração e era assim que o vivia no seu dia-a-dia. Seu Pai era o Deus que cuidava até das criaturas mais débeis, que fazia sair o sol sobre bons e maus, que se revelava aos mais pequenos, que defendia os pobres, que curava os doentes, que ia ao encontro dos que estavam perdidos. Esse Pai era o centro da sua vida.

Desde tempos muito antigos, os judeus davam a Deus o nome de *lavé*, para o distinguirem dos deuses dos outros povos. No entanto, depois do desterro, este designativo passou a empregar-se cada vez menos. A pouco e pouco, foram-se introduzindo outros para se referirem a Deus sem o nomearem diretamente. O *nome* santo de *lavé* ficou reservado para o culto oficial do templo. Na linguagem quotidiana, usavam expressões como: *os Céus, o Poder, o Lugar, o que habita o Templo, o Senhor...* Como toda a gente, também Jesus lançava mão desta linguagem, mas

não era bem esse o seu estilo. Aquilo que intimamente mais sentia era chamar-lhe *Pai*.

Não era totalmente original. Já nas Escrituras de Israel se falava de Deus como *pai* em sentido metafórico, para sublinhar não só a sua autoridade, que exigia respeito e obediência, mas principalmente a bondade, solicitude e amor, que convidavam mais à confiança. Porém, esta imagem de Deus como "pai" não era central. Era mais uma, paralelamente a outras referidas a Deus, como "esposo" ou "libertador". Jesus sabia que a tradição bíblica considerava as relações de Deus com Israel como as de um pai para com os seus filhos. Algumas orações recolhidas no livro de Isaías são comovedoras: *Mas Tu, Senhor, é que és o nosso pai. Nós somos a argila e Tu és o oleiro. Todos nós fomos modelados pelas tuas mãos. Só Tu, Senhor, és o nosso pai, e o teu nome, desde sempre, é "Redentor nosso". Porquê, Senhor, nos deixas extraviar dos teus caminhos e permites que o nosso coração se endureça por te não respeitar?*

Essa visão de Deus como "pai" nunca se perdeu entre os judeus. No tempo de Jesus, enquanto ele percorria os caminhos da Galileia, um sábio judeu de Alexandria, de nome Filão, falava de Deus "pai e autor do universo" para sublinhar o seu caráter de criador universal, fonte e princípio de todas as coisas. Um escrito chamado *Livro da Sabedoria*, redigido também em Alexandria, nos finais do século I a. C., afirmava repetidamente que o justo tem a Deus por "pai". Em Qumran, não se lhe chamava assim, apesar deste texto enternecedor: *Vós cuidareis de mim na minha velhice, pois o meu pai não me reconheceu e a minha mãe entregou-me nas vossas mãos, porque vós sois pai para todos os vossos filhos*. Era difícil que Jesus, um camponês da Galileia, possa ter conhecido algum destes escritos, mas sabemos que ele todos os dias recitava as Dezoito bênçãos, onde repetidamente se invocava a Deus como "nosso pai e nosso rei".

Jesus gostava de chamar "Pai" a Deus. Saía-lhe de dentro, principalmente quando queria pôr em relevo a sua bondade e a sua compaixão. Mas, certamente, o mais original era que, ao dirigir-se a Deus, o invocava por meio de uma expressão inusitada. Chamava-lhe *Abbá*. Via a Deus como uma pessoa tão íntima, tão boa e tão querida que, quando falava com ele, só aflorava aos seus lábios uma palavra: *Abbá*, 'meu Pai querido'. Este era o traço mais característico da sua oração. Não encontrava outra expressão mais profunda para chamar a Deus senão essa: *Abbá*. Esse costume de Jesus causou tal impacto que, anos mais tarde, nas comunidades cristãs de língua grega, deixaram sem traduzir o termo aramaico *Abbá* como eco da experiência pessoal vivida por ele. Este modo de privar com Deus não era convencional. Nascia da sua experiência mais íntima e afastava-se do tom solene com que, geralmente,

os seus contemporâneos se dirigiam a Deus, para sublinharem a distância e o temor reverencial.

As primeiras palavras que balbuciavam as crianças da Galileia eram: *immá* (mamã) e *abbá* (papá). Era assim que Jesus chamava a Maria e a José. Por isso, *abbá* evocava o carinho, a intimidade e a confiança de uma criança para com seu pai. Contudo, não caiamos em exageros. Pelos vistos, também os adultos empregavam este termo para exprimirem o seu respeito e a sua obediência ao pai da família patriarcal. Chamar *Abbá* a Deus indicava carinho, intimidade, proximidade, mas também respeito e submissão. Jesus conhecera na sua própria casa a importância do pai. José era o centro de toda a família. Tudo girava à volta dele. O pai cuidava e protegia os seus. Se ele faltasse, a família corria perigo de desintegração e extinção. Era ele quem sustentava e assegurava o futuro de todos. Havia dois rasgos que caracterizavam um bom pai. O primeiro era a solicitude pelos seus filhos: era ele o garante do sustento necessário, da proteção e da ajuda em todas as circunstâncias. Ao mesmo tempo, o pai era a autoridade da família: ele dava as ordens para organizar o trabalho e assegurar o bem de todos. Era ele quem instruía os seus filhos, lhes ensinava um ofício e os corrigia quando era preciso. Os filhos, por sua vez, estavam chamados a ser a alegria do pai. A sua primeira atitude devia ser a confiança: ser filho era pertencer ao pai e aceitar com alegria aquilo que recebia dele. Ao mesmo tempo, teriam de respeitar a sua autoridade de pai, escutá-lo e obedecer às suas ordens. Ao pai eram devidos afeto e submissão. O ideal de qualquer filho era ele. Essa experiência familiar ajudou Jesus a aprofundar a sua experiência de um Deus Pai.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 331-334)

Oremos (...)

Dá-nos, ó Pai, a harmonia das vozes
que testemunham, transmitem e comunicam
a Palavra que nos dirigiste,
e cesse o desconcerto dos gritos
que agita as cidades dos homens;
é que nem nos ouvimos uns aos outros
nem te ouvimos a ti, que nos chamas
para uma Outra Cidade, para uma Outra Terra,
Terra dos Vivos e Terra da Promessa.
Pelo teu Cristo Jesus e pelo seu Espírito,
que nos tiram da terra da miséria
e nos prometeram a glória do teu Reino!
Ámen!